

## IMPERIAL-TERRORISMO ESTADUNIDENSE: A VIOLÊNCIA COMO FATOR DE CONTROLE<sup>1</sup>

*Ramon Trindade Pellegrini*

Graduando do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, partícipe do Grupo de Estudos de Ideologias e Luta de Classes – GEILC/Museu Pedagógico da UESB.  
E-mail: [ramonpellegrini1@gmail.com](mailto:ramonpellegrini1@gmail.com)

*Paulo Tarso Mascarenhas Pedreira*

Graduando do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, partícipe do Grupo de Estudos de Ideologias e Luta de Classes – GEILC/Museu Pedagógico da UESB.  
E-mail: [paulotarsohistoria@hotmail.com](mailto:paulotarsohistoria@hotmail.com)

**Resumo:** O objetivo da pesquisa está relacionado à análise das estratégias de dominação dos Estados Unidos nos séculos XX e XXI no que diz respeito à categoria analítica terrorismo em seus aspectos sociopolíticos, seus métodos, suas múltiplas esferas, percorrendo uma trajetória desde suas origens à contemporaneidade. Por esse viés, a guerra é articulada como intervenção humanitária a fim de justificar a ocupação militar. A implantação de protetorados, sob a tutela do imperialismo estadunidense forma governos interinos, títeres políticos designados pelas grandes corporações. Sendo assim, a apologia “contraterrorista” é, na realidade, parte da dinâmica de controle do grande capital em escala planetária.

**Palavras-chave:** imperial-terrorismo; métodos de violência; história

**Abstract:** The objective of this research is related to the analysis of strategies for United States domination in XX and XXI centuries with regard to the analytical category "terrorism" in their socio-political aspects, its methods, its multiple spheres, covering a trajectory from its origins to the contemporary. For this angle, the war is articulated as a humanitarian intervention to justify the military occupation. The implementation of protectorates, under the tutelage of U.S. imperialism as interim governments, political puppets designated by major corporations. So, the apology "counterterrorism" is actually part of the dynamic control of big capital on a global scale.

**Keywords:** imperial-terrorism; methods of violence; history

---

<sup>1</sup> Pesquisa orientada pelo professor doutor José Rubens Mascarenhas de Almeida, coordenador do Grupo de Estudos de Ideologia e Luta de Classes (GEILC)/Museu Pedagógico da UESB. E-mail: [joserubensmascarenhas@yahoo.com.br](mailto:joserubensmascarenhas@yahoo.com.br)

## Do terrorismo

O terrorismo é um tema que ecoa ao longo da história. Sua origem provém da palavra terror (do latim, *terrere*), que denota assustar, causar medo. Como categoria, apesar de não possuir uma definição isenta de ideologia, sendo marcada historicamente por contrassensos, não há impossibilidade no estudo de suas múltiplas formas. Pelo contrário, as informações fragmentadas e descontextualizadas que emanam, sobretudo, da *mass media*, manipulando o conceito do que são – ou não – atos terroristas, segundo interesses do capitalimperialismo, encabeçado pelos Estados Unidos, nos impulsiona à crítica.

Ao mesmo tempo em que o mantra midiático objetiva justificar as investidas imperialistas de controle político-econômico e cultural em escala planetária, são amalgamados valores e comportamentos, transmitidos e reportados por agências ideológicas controladas pelo capital financeiro, que produzem/reproduzem seu sistema de dominação. Nessa perspectiva, qualquer ação violenta que contraponha os ditames imperialistas é considerada terrorista. Assim, pesquisar sobre a doutrina do terror requer uma análise que transcenda a superfície do que é perceptível, sendo fundamental examinar o objeto em sua profundidade histórica, diligência crítica na interpretação das fontes, buscando fundamentar os fatos sob um prisma que abranja e interrelacione as várias esferas do fenômeno. *A priori*, devemos distinguir suas peculiaridades: táticas, intenções, logística, ideologia, fazendo-se necessária uma investigação para identificar tendências, permanências e rupturas ao longo dos contextos históricos, prestando as devidas conexões.

O terrorismo varia de acordo a intensidade, sendo suas ações de grande ou pequeno porte, podendo ser articulado individualmente, em grupos mais ou menos organizados, bem como complexas organizações político e/ou religiosas, chegando até o terrorismo de Estado na sua forma mais abrangente, o imperial-terrorismo. Serve tanto para eliminação de inimigos sem fins políticos como de estratégia para insurreições que têm como escopo desestabilizar alvos preestabelecidos.

Apesar de o termo ser recente, o fenômeno é antigo. Segundo o historiador e jornalista Caleb Carr (2002, p. 29),

Muito antes que os propositais ataques militares contra civis, como método de afetar o comportamento de nações e líderes, fossem chamados de terrorismo, a tática teve vários outros nomes. Do tempo da república romana até o final do século XVIII, por exemplo, a frase mais utilizada era *guerra destrutiva*.

Na visão de Burtchael (1986, pp. 236-237 apud ALMEIDA 2009, p. 241), o terrorismo é um método “em que os “terroristas” [...] escolhem alvos simbólicos, ao invés daqueles de importância estritamente militar. Eles propositalmente ignoram a distinção convencional entre combatentes e não combatentes”. Nesse sentido, a extensão do domínio alcançado pelo terrorismo de Estado, que dizimou (e dizima) nações inteiras, oprimindo qualquer resistência, sempre defendeu os interesses das classes dominantes. Emmerich de Vattel (apud CARR, 2002, p. 5.) compreendeu bem essa disparidade e suas consequências,

Se um conquistador injusto e ganancioso subjuga uma nação, obrigando-a a aceitar condições penosas, vergonhosas e insuportáveis, a necessidade faz com que ela se submeta. Essa aparente tranquilidade, porém, não é a paz; é uma opressão que ela suporta à medida que procura os meios de se libertar e contra a qual os homens de valor se insurgem na primeira oportunidade favorável.

### **Das origens do terrorismo na história**

O sistema de coerção baseada no medo tem sua origem ligada à Revolução Francesa (1789), afirma pesquisadores como Blischenko e Zhdanov (1983, p.17), indicando que esse período histórico “comprende la política interna de la dictadura jacobina, implantada después de la expulsión de los girondinos de la Convención Nacional del 31 de mayo al 2 de julio de 1793”. Àquela época, Robespierre, líder jacobino, afirmou que o “reino do terror” deveria ser instaurado quando movimentos contrários ameaçassem a “liberdade social”. Sob esse pretexto, cerca de 17.000 pessoas foram condenadas à guilhotina e 25.000 executados sem qualquer julgamento (BLISCHENKO; ZHDANOV, 1983, p. 17).

Apesar de o terrorismo estar ligada a este episódio, encontramos seus vestígios desde os tempos do Império Romano. Como nos *crimen laesa majestatis* que, sob preceitos políticos, assassinaram Gaius Julius Caesar (100-44 a.C.), bem como os imperadores Caius Caesar Germanicus, o Calígula, (12-41 d.C), Tito Flavius Domicianus (51-96 d.C.), e tantos outros. É importante salientar que parcela

considerável desses executores era da própria Guarda Pretoriana, responsável pela defesa dos governantes.

Ainda em se tratando de Roma, notamos que a expressão *guerra punitiva* era umas das principais justificativas para os ataques contra populações anexadas ao Império. Segundo Carr (2002, p.29), existia uma

[...] necessidade premente de permitir as famosas legiões romanas, vergonhosamente remuneradas, que saqueassem e estuprassem como recompensa a quase sobre-humana firmeza com que se comportavam no calor da batalha.

Por esse ângulo, o objetivo de agregar províncias conquistadas sob a tutela romana, foi uma tática de controle dos territórios que alicerçou o longo período de sua hegemonia. O preço pago pelos opositores à campanha era uma intensa empreitada de violência. A destruição de Cartago foi um dos muitos exemplos; uma “daquelas coisas raras na experiência de uma nação: a total erradicação não só do lar do inimigo, mas também de uma boa parte, senão da maioria, de seu povo: homens, mulheres, crianças e até mesmo idosos” (CARR, 2002, p. 31).

Paulatinamente, o molde dessa investida tornou-se traço marcante nas gerações ulteriores, e o exército foi fundamental para sua reprodução. Argumentando combater povos bárbaros, as táticas destrutivas, executadas pelas legiões, foram cruciais para formação e manutenção de Roma. Entretanto, o efeito colateral dos combates caracterizou-se por um crescente ódio antirromano, resultante do jugo sofrido pelos povos ao longo daquele processo. Muitas insurgências provinham, paradoxalmente, dos próprios militares – desertores que preferiam lutar ao lado do seu povo a vê-lo perecer pelo fardo que Roma os obrigava carregar. Esses líderes rebeldes são provas de que “uma nação nunca deve imaginar que pode utilizar (e especialmente treinar) os agentes do terror quando for conveniente e depois se livrar deles quando não mais forem necessários” (CARR, 2002, p.35). Como veremos, os EUA parece não ter dado ouvido a essa advertência histórica.

Mas, houve outros focos de resistências: Os *sicarii*, ou “homens-adagas”, formavam um grupo judaico da Ordem dos Zelotes, bem articulado em suas estratégias, e com alvos previamente constituídos. Os agentes se infiltravam entre as multidões durante as festividades na incumbência de assassinar membros do partido judeu moderado, pró-romano, acusados de aliança com o inimigo. Algumas dessas missões são exemplificadas por Laqueur (1980, pp. 28-29).

Los *sicarii* destruyeron la casa de Ananias, el sumo sacerdote, así como los palácios de los gobernantes herodianos; quemaron los archivos públicos, deseosos de acabar con los títulos de los prestamistas, impidiendo así que pudieran recuperarse las deudas.

Em se tratando de terrorismo político-religioso, é pertinente rememorar os *hashishin* – procedência etimológica da expressão “assassino”. Eram conhecidos assim, pois cometiam seus ataques sob o efeito alucinógeno do *hashish*. Organizados em células, esses radicais islâmicos, de origem ismaelita, tinham como objetivo eliminar cristãos e outros hostis à sua fé. Seu principal expoente foi Hassan Sibai, estrategista que, consciente da limitação numérica do seu grupo, empreendeu uma “campanha de terror bien planeada, sistemática, a largo plazo, [que] llevada a cabo por una fuerza reducida pero muy disciplinada, podía ser un arma política extraordinariamente eficaz” (LAQUEUR, 1980, p. 30). O saldo dos ataques foram significativos, “los asesinos se extendieron por Siria, matando prefectos, gobernadores, califas e incluso a Conrado de Monferrato, el cruzado Rey de Jerusalén [e por] dos veces trataron de asesinar a Saladino pero fracasaron” (LAQUEUR, 1980, p.30).

No tocante aos atos terroristas sem fins políticos, detectamos na Índia a sociedade secreta dos *thugs*, tendo como característica ideológica o terror ritualístico. Ou seja, toda ação terrorista praticada pelos membros da fraternidade fazia parte do sacrifício à deusa Kali – entidade da morte e da destruição. Suas operações se estendem desde o século XIII até meados do século XIX e as principais vítimas foram mulheres e crianças das castas mais humildes, vítimas de estrangulamento. Nas palavras do *thug* Feringea, o louvor a entidade

Permítase a cualquier hombre gustar el *goor* (azúcar) del sacrificio, y se convertirá en un *thug*, aunque conozca todos los oficios y tenga toda la riqueza del mundo... He ocupado puestos muy altos y dondequiera que iba disfrutaba siempre de gran favor por lo que siempre estaba seguro de conseguir ascensos. Pero me sentía desagraciado cuando estaba lejos de mi grupo y me veía obligado a volver a *Thuggee* (apud LAQUEUR, 1980, p. 31).

Na Europa, a partir do momento que a tarefa de controlar o maior número de territórios impulsionou os métodos de violência, o medo passou a ser um instrumento providencial à pilhagem. Nesse sentido, Hobsbawm (2007, p. 155) adverte que “poucas coisas pode haver que sejam tão perigosas quanto os impérios que buscam satisfazer seus próprios fins acreditando que estão fazendo um favor à humanidade”. Por esse

viés, a lista se estende, e outros exemplos é-nos fornecido pelo professor Moniz Bandeira (2003):

Na Inglaterra, os reis Edmund I (940-946), Edward (975-978) e Edmund II (este reinou apenas sete meses em 1016) foram assassinados [...] em 1758, Dom José I, rei de Portugal, sofreu um atentado a bala, do qual escapou seriamente ferido. Em 1775 foi à vez de Luiz XV, rei de França [...] No Brasil, em 25 de março de 1824, os liberais republicanos intentaram incendiar o teatro onde se realizaria o espetáculo de gala, solenizando a solenidade de outorga da Constituição, a fim de que pudessem assassinar Dom Pedro [...] Em outros países da América, também houve atentados e atos terroristas, ingrediente consubstancial com revoltas, sublevações e guerras civis e estrangeiras.

Por se tratar de um artigo, não tomamos por prioridade o exame dos incontáveis exemplos de terrorismo no decurso histórico, mas demonstrar como essas operações executa o movimento sistemático do terror. Partindo dessa premissa, buscaremos interpretar as relações conflitantes entre as classes dominantes e as forças subversivas que circundaram o século XX e a primeira década do XXI.

### **Justificativas imperial-terroristas**

As imagens dos três aviões sequestrados por suicidas e repletos de pessoas de múltiplas nacionalidades, sendo lançados às torres do *World Trade Center* e ao *Pentágono*, foram assustadoras. Milhares de mortos contabilizados no 11 de setembro estadunidense (2001) que marcou a aurora do novo século. Isto porque, desde a Guerra de 1812<sup>2</sup>, o território jamais havia sido sequer ameaçado. O golpe recebido pela potência mundial ainda ecoa em dimensões globais. Nas palavras de Tariq Ali (2005, p. 355),

O atentado terrorista que atingiu o epicentro político-econômico do mundo foi transmitido em cada rincão do planeta com uma dose de chauvinismo produzido por jornalistas – sobretudo, estadunidenses – que não se limitaram em transformar aquele momento da história contemporânea “em favor de um superpatriotismo imperial”.

As ruínas das Torres Gêmeas e do aparato de inteligência modificaram a imagem da política externa do imperialismo estadunidense. Criou-se uma redoma

---

<sup>2</sup> Alguns pesquisadores rechaçam essa idéia ao rememorar Pearl Harbor (1941), mas essa evidencia é um equívoco, pois os ataques foram contra bases militares em duas colônias estadunidenses e não o território nacional.

intelectual a qualquer crítica mais áspera frente à conduta político-militar dos EUA ao longo de sua história, sendo, constantemente, relegada à categoria de antiamericanismo, ou, mais radicalmente, de aliados do terrorismo. Prova disso foi o alerta emitido por todo mundo pelo então presidente George W. Bush: “ou estão conosco ou estão com os terroristas. A partir de hoje, todo país que abrigue ou apóie o terrorismo será considerado pelos Estados Unidos um regime hostil” (apud CHOSSUDOVSKY, 2004, pp. 11-12).

Era mais uma das manobras estratégicas do núcleo de comando da CIA, que se apoderou da tragédia para passar uma borracha na história sangrenta que ela escrevera desde primórdios do século XX. Nesse sentido, as mais de duas mil pessoas assassinadas pelos radicais islâmicos teriam na balança imperialista, o mesmo peso das inúmeras mortes cometidas por seus militares até aquele momento. Mais: passou a explicar a *vendetta* lucrativa, sobretudo, para as indústrias bélicas, que estava por vir.

Acontecimentos dessa magnitude não ocorrem em um vácuo, como outrora alertou Ali (2005, p.9), mas, estão intrinsecamente condicionadas por cenários locais e globais. Julgar os fatos sem primeiro traçar uma contextualização que os evidenciem é, no mínimo, um equívoco. Sob essa óptica, torna-se preponderante remontar as origens das ações imperial-terroristas estadunidense, observando suas relações político-econômicas com as nações periféricas no decurso do século XX, a fim de elucidar os atentados que marcaram a história contemporânea.

### ***Evidências do terrorismo de Estado dos EUA***

A primeira fase da doutrina do terror estadunidense é evidenciada no início do século XX. Um processo de conquista baseado no terrorismo de Estado que deixou um rastro de destruição social, mas sobretudo político-econômico, por onde quer que tenha passado. Para o general Smedley Butler – 33 anos como membro militar do Corpo de Fuzileiros, duas medalhas de honra e, contraditoriamente, um dos seus principais críticos,

Não há truque na sacola dos negócios sujos que seja desconhecido da gangue militar. Ela tem seus “homens-dedo-duro” para apontar os inimigos, seus “homens-músculos” para destruir os inimigos, seus “homens-cérebro” para planejar preparativos de guerra e um “Chefão” que é o Capitalismo Super-nacionalista (apud ALI, 2005, p. 361).

O alistamento nessa gangue militar, segundo ele, deixou suas “faculdades mentais [...] em animação suspensa, enquanto [...] obedecia às ordens dos superiores. Isso é típico de todo mundo no serviço militar” (apud ALI, 2005, p.361). Ao que lembra: “Passei a maior parte do tempo sendo um homem-músculo de alta classe para os Grandes Negócios, para Wall Street e para os Banqueiros. Resumindo, eu era um bandido, um gangster do capitalismo” (apud ALI, 2005, p. 362). Para o melhor entendimento do que significaram os métodos de violência nessa fase, Butler documentou seu desempenho como agente do terror estatal,

Ajudei a tornar Honduras “certa” para as empresas americanas de frutas em 1903. Ajudei a tomar o México, especialmente, Tampico, seguro para os interesses petrolíferos americanos em 1914. Ajudei a tornar o Haiti e Cuba um lugar decente para os rapazes do National City Bank recolherem lucros. Ajudei no estupro de meia dúzia de repúblicas da América Central para benefício de Wall Street. O registro de banditismo é longo. Ajudei a purificar a Nicarágua para empresa bancária internacional dos Brown Brothers em 1909-1912. Levei luz à República Dominicana para os interesses do açúcar americano em 1916. Na China ajudei a garantir Standard Oil não fosse molestada [...] Relembrando o passado, acho que eu poderia dar umas dicas a Al Capone. O melhor que ele podia fazer era operar seus negócios sujos em três distritos. Eu operei em três continentes (apud ALI, 2005, p.362).

Aliado das grandes corporações – e alimentado pelo capital financeiro –, o desenvolvimento dos “banhos de sangue” como conseqüências políticas, decorrentes do massacre e do terror, empreenderam um verdadeira caçada a qualquer mudança revolucionária, sobretudo, na periferia do sistema. Noam Chomsky (1976, p.25) evidenciou que,

Este objetivo conservador e contra-revolucionário definiu a escala da efusão de sangue e da violência aceitável e inaceitável. Nesta perspectiva, os massacres em nome da revolução são maus [...] e constituem um recurso à violência considerado como desapropriado e deselegante com vista a obter uma mudança social.

A repetição desse argumento qualificava/desqualificava quem era ou não terrorista. Nesse contexto, o próprio termo “violência” era habitualmente reservado ao uso da força quando utilizada por elementos e movimentos contrários aos EUA (CHOMSKY, 1976, p. 25).

### ***O comunismo como justificativa***

Com o fim da Segunda Guerra Mundial houve um declínio da multipolaridade político-econômica que vigorava entre as principais potências imperialistas. Noutras



palavras, do ponto de vista econômico-militar, tanto o Fundo Monetário Internacional (FMI), como o Banco Mundial (BM), além da substituição do lastro de ouro pelo dólar, passando pela criação do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT, em inglês) – hoje conhecida como Organização Mundial do Comércio (OMC) –, até o poderio de destruição ostentado nas bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki, atestavam que os EUA saíram vitoriosos do embate.

Todavia, o pós-guerra também representou o déficit das matérias-primas estadunidense, fundamentais para manter os países aliados em combate. Assim sendo, “os Estados Unidos precisaram importar petróleo, minério de ferro, bauxita, cobre, manganês e níquel” (ALI, 2005, p. 368). Isso implicou numa corrida de dominação de áreas que suprissem essa demanda, sobretudo, América Latina e Oriente Médio, criando uma simbiose entre política, guerra e economia. Almeida (2010, p.34) relata que

Uma vez derrotado o inimigo comum maior, o nazifascismo, adveio a Guerra Fria e seus desdobramentos, forçando uma nova configuração geopolítica de áreas de influencia, na qual a águia estadunidense passou a apontar suas afiadas garras para os rincões mais remotos [de todo o mundo] numa correlação pautada na unipolaridade.

O novo teatro de operações ampliou a reprodução militar, fomentando uma pesada industrialização que transformou a economia estadunidense numa tradição armada sem precedentes. O Estado investiu insistentemente em pesquisas com finalidade tecnológico-militar, com fito à modernização da eletrônica, aeronáutica, bem como qualquer outro aparato bélico que lhes auxiliasse na empreitada do controle mundial. As mercadorias desenvolvidas tinham como principal cliente o próprio EUA, não podendo ser vendido qualquer armamento sem antes ter recebido o aval do “César da Casa Branca”. A dimensão desse processo pode ser detectada nas palavras do general Eisenhower (1961), então presidente dos Estados Unidos,

[...] achamos que a liderança e o prestígio da América dependem não meramente de nosso progresso material inigualável, de nossa riqueza e da forma militar, mas de como usamos nossos poderes no interesse da paz no mundo e da melhoria da humanidade [...] fomos compelidos a criar uma indústria permanente de armamentos de vastas proporções. Além disso, três milhões e meio de homens e mulheres estão diretamente envolvidos nas instituições de defesa. Nós gastamos anualmente com segurança militar mais do que o produto bruto de todas as corporações dos Estados Unidos [...] Nós reconhecemos a necessidade imperativa desse desenvolvimento [...] Nossa labuta, nossos recursos e nosso meio de vida estão envolvidos; assim como a própria estrutura de nossa sociedade [...] Só uma cidadania alerta e consciente pode compelir uma mistura adequada da gigantesca máquina industrial e militar de defesa com os nossos métodos e objetivos de paz, de modo que a

segurança e a liberdade possam prosperar juntos (apud ALI, 2005, p. 369-370).

Sob o disfarce eufêmico das palavras ultranacionalistas do general, residiam os massacres executados pelo terrorismo de Estado do seu país em escala planetária. Métodos de violência utilizados para subjugar sociedades inteiras, sempre foi uma característica marcante nessas táticas que objetivavam a dependência da periferia as suas normas político-econômica e militar.

Segundo estatísticas de Blischenko e Zhdanov (1983), o foco do terrorismo na década de 60 até meados dos anos 70 estava no velho continente e não no Oriente Médio, como é observado atualmente. Ora, o inimigo do grande capital não era a *jihad* islâmica, mas o comunismo soviético. Sobre isso, Almeida (2009, 239) afirma que, “o papel desempenhado pela ideologia burguesa – principalmente de matiz estadunidense – quando atribuía o terrorismo [...] aos marxistas-leninistas era, a um só tempo, irresponsável e carente de consubstanciação”.

No Vietnã, por exemplo, sob pretexto de lutar contra os invasores comunistas, buscaram, ao longo da década de 60, justificar as invasões recorrendo a uma tática bem conhecida; atribuir aos insurgentes norte-vietnamitas inúmeros casos de atrocidades, que eram estrategicamente propagados na mídia estadunidense, com a finalidade de convencer a opinião pública apoiar as investidas ulteriores. No Vietnã do Sul, forjaram um governo títere, composto por uma pequena elite corrupta, na qual a existência se moldava segundo seus interesses, abastecendo-os com armas de destruição em massa, a fim de juntos reproduzirem o mantra contra-revolucionário que dizimou milhares de civis vietnamitas. Na visão de Chomsky (1976, p.27),

[...] as contra-revoluções são mais sangrentas, em média, que as revoluções [e] a violência desencadeia um processo retroativo de “criação comunista”, que legitima a intervenção aos olhos do poder imperial ao mesmo tempo que lhe dá um potencial de genocídio.

Todavia, a carnificina deliberadamente imposta pelos Estados Unidos não foi suficiente para alcançar seus intentos imperial-terroristas. Como assinala ALI (2005, p. 371),

O uso de desfolhantes, herbicidas e gases tóxicos transformaram parte do campo numa paisagem lunar. Áreas inteiras tornaram-se impossíveis de ser cultivadas e continuam assim até hoje. Apesar de tudo isso os vietnamitas recusaram a rendição.

Liderados pelo general norte-vietnamita Vo Nguyen Giap, os insurgentes *vietcongs* derramaram seu sangue numa luta visivelmente assimétrica, mas que no final fez a grande potência experimentar o sabor amargo da derrota. Adepto das táticas militares de Sun Tzu, Giap realizou ataques relâmpagos em todo território, se utilizando de um pequeno contingente de soldados dispersos em áreas estratégicas, com um poderio bélico em muito inferior ao imenso aparato marcial pró-EUA. O objetivo dessas ações era minar os avanços militares, demonstrando que não era a força descomedida o elemento mais importante em uma batalha, mas a execução inteligente e disciplinada das táticas.

O insucesso vergonhoso em território vietnamita não freou as investidas do terrorismo estadunidense. Ainda sob o delírio comunismo, o jugo imposto a países da periferia, era parte da política expansionista do capital-monopólio. Podemos constatar que esse foi um fenômeno corrente “na Indonésia, na Tailândia, nas Filipinas, na Coreia do Sul, no “novo” Camboja, nos Laos, na velha China e no Vietnã do Sul” (CHOMSKY, 1976, p. 29), mas também no Paquistão e Burundi, a lista é extensa.

Ironicamente, até os mesmos *mujahedins*, que em 2001 foram acusados dos atentados, àquela época eram chamados pela CIA de “recurso de inteligência”, tendo sido, o próprio Osama Bin Laden, treinado pelas forças armadas do governo-cliente paquistanês (ISI), sob uma ideologia marcadamente anticomunista. Isso nos leva a questionar as palavras de Peter L. Bergen (2002, p.105), quando minimizou a relação entre a CIA e os fundamentalistas islâmicos. Cita ele que: “Durante la guerra afgana la CIA trabajaba a través de la agencia ISI, mientras que los árabes afganos funcionaban independientemente y tenían sus propias fuentes de financiación”. No entanto, não é bem esse o discurso do então assessor de segurança nacional estadunidense àquela época, Zbigniew Brzezinski, em entrevista ao *Nouvel Observateur*.

BRZEZINSKI – De acordo com a versão oficial da história, o apoio da CIA aos mujahedins começou na década de 1980, isto é, depois que os soviéticos invadiram o Afeganistão, em 24 de dezembro de 1979. Não obstante, a realidade, cuidadosamente guardada até agora, é completamente diferente. Em 3 de julho de 1979, o presidente Carter assinou a primeira ordem para o envio de ajuda secreta aos opositores do regime pró-soviético em Cabul. E, naquele mesmo dia, escrevi uma nota para o presidente, em que lhe explicava que, em minha opinião, essa ajuda induziria à intervenção militar soviética.

PERGUNTA: Apesar do risco, o senhor mostrou-se favorável a essa ação secreta. Por acaso desejava que os soviéticos entrassem em guerra e procurou provocá-la?

BRZEZINSKI: Na realidade não foi assim. Não obrigamos os russos a intervir, mas com toda a intenção aumentamos a probabilidade de que o fizessem.

PERGUNTA: *Quando os soviéticos justificaram sua intervenção afirmando que estavam dispostos a lutar contra a intervenção secreta dos Estados Unidos no Afeganistão, as pessoas não acreditaram, embora houvesse fundamento na afirmação. O senhor lamenta isso, hoje?*

BRZEZINSKI: Lamentar o quê? A operação secreta foi uma ótima idéia, pois atraiu os russos para a armadilha afegã. O que querem que eu lamente? No dia em que os soviéticos cruzaram a fronteira oficialmente, escrevi ao presidente Carter: “Agora teremos a oportunidade de dar à URSS sua guerra do Vietnã”. E, na realidade, durante quase dez anos, Moscou teve de sustentar uma guerra que o governo não podia manter, um conflito que provocou a desmoralização e finalmente o desmoronamento do império soviético.

PERGUNTA: *Tampouco lamenta ter apoiado os fundamentalistas islâmicos, ter dado armas e assessoria aos futuros terroristas?*

BRZEZINSKI: O que é mais importante para a história do mundo, os talibãs ou o colapso do império soviético? O levantamento de alguns muçulmanos ou a libertação da Europa central e o fim da guerra fria (apud CHOSSUDOVSKEY, 2004, pp. 35-36).

Pelo discurso desse agente da alta hierarquia militar, notamos que os *mujahedins* foram cruciais para as estratégias de dominação dos Estados Unidos “não apenas nos Bálcãs e na antiga URSS, mas também na Índia e na China” (CHOSSUDOVSKEY, 2004, p. 57). Na perspectiva de Chossudovsky (2004, p. 36),

Tal como dissera Brzezinski, a CIA criou uma Rede Militante Islâmica. A chamada “*jihad* islâmica” (ou guerra santa contra as forças soviéticas) transformou-se em parte integrante da estratégia de inteligência da CIA, apoiada pelos Estados Unidos e pela Arábia Saudita e financiada em grande parte com recursos provenientes do narcotráfico do “crescente de ouro”.

Nessa atmosfera militarizada, a inteligência estadunidense ocultou qualquer vestígio que a ligasse a Osama Bin Laden, à medida que se transformaram em alvos na dinâmica do “efeito bumerangue” de seus, outrora, agentes terroristas.

## **A relação Bin Laden/Cia e a militarização planetária**

Por uma década, Osama Bin Laden e a rede terrorista Al Qaeda foram anunciados em cada rincão do planeta como a própria encarnação do mal. O criminoso responsável tanto pela carnificina em território estadunidense quanto pela caçada contraterrorista que levou os Estados Unidos a devastar a sociedade afegã. Coincidência ou não, também foi o vilão ideal para o momento de crise político-econômica por que passava o imperialismo *yankee*. González (2002, p. 48) foi conciso ao analisar que os “atentados de las Torres Gemelas y del Pentágono funcionarán como catalizadores y

precipitadores de una crisis que ya estábamos viviendo en la economía internacional, pero que dentro de unos meses se [identificaram] con el brutal ataque terrorista”.

Como vimos anteriormente, nem sempre foi assim; o inimigo número um dos falcões da CIA, outrora serviu como lugar-tenente ao “império do dólar” a frente dos guerreiros da liberdade que professavam a *jihad* antissoviética (1979) no Afeganistão. Mais: eram financeiramente sustentados pelo próprio governo Reagan. Além disso, Chossudovsky (2004, p.13) é pertinente ao salientar que, “Os vínculos entre Osama Bin Laden e Clinton na Bósnia e no Kosovo estão amplamente documentados em gravações do congresso estadunidense”. Para Quartim Moraes (2002) esse não é um privilégio da Al Qaeda e seu líder, a lista de facínoras patrocinados pelo governo estadunidense é imensa: Pinochet (Chile), Videla (Argentina), Noriega (Panamá), Papa Doc (Haiti), Sukarno (Indonésia), Ferdinand Marcos (Filipinas).

Segundo matéria da *CBS Notícias* – 28 de janeiro de 2002 –, um dia antes dos ataques (10 de setembro de 2001), Laden recebeu tratamento VIP de uma diálise em Rawalpindi, no hospital do exército paquistanês (ISI), sob jurisdição do governo-cliente dos Estados Unidos (CHOSSUDOVSKY, 2004, p.15). Essa prova, torna sem sentido o argumento de Bergen (2002, p.49) quando opinou que “había indicios de que Bin Laden planeaba atacar algún objetivo estadounidense en los meses anteriores a septiembre”.

No âmbito interno, o período pós-11 de setembro representou a ampliação do poderio das forças militares do FBI e da CIA. Isso significou que, sob pretexto da segurança nacional, a polícia ganhava autoridade para espionar qualquer cidadão – afinal, todos eram suspeitos até que provassem o contrário. A metástase do medo expandiu-se por todo o planeta, principalmente depois dos atentados em Madrid (2004) e Londres (2005). Nessa perspectiva, a inteligência estadunidense, mais uma vez reivindicando o título de polícia do mundo, autodeclarou-se panacéia mundial contra o ímpeto terrorista.

Não por acaso, Bush alertou cinco dias antes dos ataques aos cidadãos estadunidenses o que viria a ser a retórica da campanha contraterrorista e modelo seguido planetariamente: “Repetidas vezes tenho dito que o único momento para usar o dinheiro da seguridade social são os tempos de guerra, de recessão ou de uma grave emergência. Digo isso seriamente, digo isso seriamente...” (apud CHOSSUDOVSKY, 2004, p. 29). Ou seja, em um mundo supostamente em perigo, onde o vilão estava à

solta, era necessário sacrificar o bem-estar social em detrimento à segurança coletiva. As corporações bélicas aplaudiam, os lucros estavam por vir.

### **Lucrando com a guerra**

Não resta dúvida que os Estados Unidos elevaram (e continua elevando) a receita nacional através da venda de armas para conflitos em torno do mundo. *Démodé*, os atentados foram comemorados pelos industriais bélicos e outras grandes corporações que encontraram em Osama Bin Laden e no seu grupo extremista, a justificativa necessária para ampliação do raio de controle político-econômico e militar – dinamizando e sustendo o já contestado imperialismo sob disfarce globalizacionista. Tariq Ali (2005, p. 369) observa que

A indústria de armamentos cria um setor estável, que não é afetado pelas flutuações da economia [...] Assim, todos os monopólios de defesa garantiam um lucro automático [...] Desenvolveu-se uma simbiose entre a indústria de defesa, os oficiais superiores das forças armadas e os políticos, levando à existência de um poderoso nexos militar-industrial-político.

Ao mesmo tempo em que se arvoravam como defensores da paz e dos direitos humanos, os agentes imperial-terroristas fomentavam guerras e golpes de estado em todo o mundo. Os números pesquisados pelo Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI)<sup>3</sup> fornece-nos uma visão da natureza lucrativa da venda de armas no ano de 2009: das 100 maiores indústrias militares, 78 estavam nos Estados Unidos (45) e Europa Ocidental (33) – leia-se, Finlândia, França, Alemanha, Itália, Noruega, Espanha, Suécia, Suíça e Reino Unido. Juntas, arrecadavam o montante de 367 bilhões de dólares.

Apesar das constantes crises econômicas globais, as vendas totais de armas aumentaram 14,8 bilhões de dólares entre os anos de 2008-2009. Para Susan Jackson, uma das coordenadoras da pesquisa, o motivo é bem claro: “Os gastos do governo dos EUA em bens militares e serviços é um fator chave no aumento de vendas de armas”<sup>4</sup>.

O imperial-terrorismo esteve reiniciando por décadas a espiral bélica. Glinkin, Isakova e Yakovlev (1987, p. 5) são oportunos ao traçar o histórico armamentista do imperialismo estadunidense.

---

<sup>3</sup> The SIPRI Top 100 arms-producing companies, 2009. Disponível em: <<http://www.sipri.org/research/armaments/production/Top100/2009>> Acesso em: 02 de agosto de 2012.

<sup>4</sup> Idem.

Fue el primero en crear y usar el arma nuclear, fue el primero en construir bombarderos estratégicos pesados portadores de armas nucleares, submarinos atómicos con cohetes a bordo; en la confluencia de los años 70 fue el primero en armar cohetes balísticos estratégicos con vehículos de reentrada múltiples, enfilados contra objetivos independientes, etc.

A corrida armamentista, dinamizada pelo imperialismo, transformou o mundo em um celeiro nuclear sem precedentes. Isso porque, com a suposta guerra contraterrorista, o conceito de *dissuasão nuclear* ficou a deriva, enquanto a militarização ecoava por países como: China, Rússia, Iraque, Coreia do Norte, Índia, Síria, dentre outros. Nos Estados Unidos, bilhões de dólares foram investidos no desenvolvimento de novas armas; o F-22 *Raptor*, o *Joint Strike Fighter*, o tecnológico escudo míssil e seu arsenal de armas a laser, bem como os sofisticados *drones* (aviões não tripulados) são algumas das invenções.

Também é importante chamar atenção para o Programa de Investigação de Aurora Ativa de Alta Frequência (HAARP, em inglês). Inaugurado em 1993 e com um investimento que alcançam 200 milhões de dólares por ano, o projeto visa compreender o funcionamento das transmissões de ondas de rádio na faixa da ionosfera, buscando melhorar a captação de frequências, o que seria de grande valia tecnológica na área das multi-comunicações – rádios, celulares e GPS, por exemplos. Todavia, a injeção de energia das antenas do HAARP causa um superaquecimento que pode aumentar em alguns graus centígrados o clima de regiões receptivas a carga. Na visão de Chossudovsky (2004, p.142), esse instrumento se utilizado de forma marcial pode “desestabilizar economias nacionais por meio da manipulação climática sem que o inimigo perceba, a um custo mínimo e sem envolver pessoas e equipamento militar, como ocorre em uma guerra convencional”.

Em um mundo armado, a girar o ciclo do ódio, a assertiva de Quartim Moraes (2002) ganham contornos de extrema relevância,

Quantas “vocações” terroristas não há de ter suscitado o método ianque de combater o terrorismo, respondendo com massacres balísticos a atentados clandestinos. - *Tu aterrorizaste, eu contra-terrorizo; tu destruiste três prédios, eu destruo os países que te abrigam!* Respondendo a uma truculência com outra maior, vingando os corpos despedaçados com corpos esquartejados, a perversa dialética Bin Laden/Bush não [teve] síntese possível.

## ***Mass Media: o quarto poder imperial-terrorista***

No século XXI, a mídia vem se destacando como um dos principais aparelhos ideológicos do Estado. Influencia diretamente a opinião pública, ditando normas, valores e padrões de conduta. Denominada o Quarto Poder – por representar o quarto maior segmento econômico do mundo – está empenhada com a defesa de seus interesses, manipulando o fluxo de informações de acordo com o que é mais lucrativo, transformando a realidade ao passo que interfere na maneira de pensar e agir dos homens. De forma estratégica, forja as notícias para os interlocutores, direcionando a massa enxergar o mundo através de suas lentes.

É nessa atmosfera globalizada, recheada de avanços tecnológicos, os quais viabilizam um instantâneo fluxo de informações, que a mídia alcança os múltiplos grupos sociais; invadindo seus lares e vampirizando suas mentes. Essas informações forjadas destroem o censo crítico do indivíduo, impossibilitando uma concepção autônoma dos fatos, reconstruindo e manipulando a subjetividade. Marie Shinkai (2003) dar-nos uma visão panorâmica desse contexto.

[...] a maioria dos receptores acabam sendo condicionados a aceitar as informações sem que o seu conteúdo seja questionado, ou que se tenha tido a certeza de que as informações fornecidas pelo meio são provenientes de fontes verdadeiras ou não. Até porque no mundo dos *mass media* as informações perdem sua validade muito rapidamente fazendo com que os indivíduos fiquem sempre dependentes dos meios de comunicação de massa para estar ciente do que está acontecendo no mundo.

O imperialismo estadunidense, ciente da importância dos meios de comunicação, tende a fortalecer suas ramificações ideológicas pelo mundo. O que podemos observar no emaranhado de informações difundidas em escala planetária é a completa alienação do que se qualifica/desqualifica como terrorismo. Chossudovsky (2004, p. 19) conseguiu sintetizar os poderes que dinamizam esse sistema de terror que caminha, a passos largos, com o mundo para um futuro abissal.

Os poderes por trás do sistema são os bancos e as instituições financeiras internacionais, o complexo da indústria bélica, os magnatas do petróleo e da energia, os grandes consórcios da biotecnologia e os poderosos gigantes dos meios de comunicação, que fabricam as notícias e abertamente influem no curso dos acontecimentos mundiais, distorcendo descaradamente a informação.



## Considerações

No decurso desse artigo tentamos ir além da concepção estabelecida pelos que detêm o *hégemon* mundial. Buscamos entender a doutrina do terror de um prisma sócio-político e econômico histórico, tendo como escopo a ascensão do controle planetário dos EUA através do terrorismo de Estado – no nosso entender, uma reedição da Doutrina Monroe, que agora tem o mundo como foco.

Nesse contexto, a CIA cumpriu (e cumpre) papel crucial para conservação da hegemonia estadunidense ao legitimar e dinamizar a guerra em inúmeras partes do mundo, criando sempre “inimigos” que servem de mola propulsora para a indústria bélica nacional a qualquer sinal de depressão econômica.

É importante salientar que a maioria dos atos terrorista cometidos pelo imperialismo estadunidense aconteceu em países que, de alguma forma, não cumpriram o ordenamento capitalista da divisão mundial do trabalho imposto. Por esse viés, as relações conflitantes, mantidas assimetricamente entre a classe dominante e a periferia, ainda ecoam como fantasmas a questionar a vigente arrumação “globalizacionista”.

Assim sendo, não nos resta dúvida: a “guerra contraterrorista” é uma falácia. A intervenção humanitária em outras nações com fito a restabelecer a democracia não passa de velhas estratégias do terrorismo de Estado em nova roupagem, que tem como objetivo militarizar e dolarizar todo o mundo. A guerra tornou-se sinônimo da política externa estadunidense. Sua gangue militar, como outrora apelidou Butler, não busca recursos pacíficos para tentar conter as anomalias criadas por si próprio, mas, intensifica brutalmente a represaria. Nessa atmosfera, indagamo-nos: como nos livraremos da sanha “civilizatória” do imperial-terrorismo? Ainda há saída, ou beiramos o caos apocalíptico?

## Referências

ALI, Tariq. *Confronto de fundamentalismos*. Trad. Alves Calado, 2ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2005.

\_\_\_\_\_. *Imperialismo e resistência*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. *América Latina: Transnacionalização e Lutas Sociais no Alvorecer do Século XXI; da luta armada como política (o caso EZLN)*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2010.

\_\_\_\_\_. *EUA: da invenção do Terrorismo à “Guerra Preventiva”*. Revista Perspectivas, São Paulo, v. 36, p. 237-259, jul./dez. 2009.

BERGEN, Peter. *Guerra Santa, S.A.: La red terrorista de Osama Bin Laden*. Trad. J.J. Pérez Rodríguez. Barcelona: Grupo Editorial Random House Mondadori, 2002.

BLISCHENKO, Igor; ZHDANOV, Nikolai. *El terrorismo como crimen internacional*. Trad. M. Ciutat. Moscou: Editorial Progreso Moscou, 1983.

CARR, Caleb. *A assustadora história do terrorismo*. Trad. Mauro Silva, Coleção Assustadora História, São Paulo: Ediouro, 2002.

CHOMSKY, Noam; HERMAN, E. *Banhos de sangue*. São Paulo: Difel, 1976.

CHOSSUDOVSKY, Michel. *Guerra e Globalização*. Trad. Ana Corbisier. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

HOBBSAWN, Eric. *Globalização, democracia e terrorismo*. Trad.: José Viegas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GLINKIN, A; ISAKOVA, N; YAKOVLEV, P.. *América Latina contra el peligro de guerra*. Moscou: Editora de la Agencia de Prensa Nóvosti, 1987.

GONZÁLEZ, Felipe. *Globalización del terror*. In: *El mundo después del 11 de septiembre de 2001*, Barcelona: Ediciones Península, 2002.

LAQUEUR, Walter. *Terrorismo*. Trad. José Luis López Muñoz. Madrid: Espasa-Calpe S.A., 1980.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Crime político e terrorismo: alguns aspectos*. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/021/21bandeira.htm>>. Acesso em: 04 de agosto de 2012.

QUARTIM MORAES, João. *Império, Guerra e Terror*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/Quartim.pdf>>. Acesso em: 01 de agosto de 2012.

SHINKAI, Marie. *Manipulação dos meios de comunicação de massa*. Disponível em: <[http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos\\_revistas/104.pdf](http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/104.pdf)>. Acesso em: 23 de julho de 2012.